

NOTAS SÔBRE A PESCA DO XARÉU: FOLCLORE E COMPROMISSO RELIGIOSO

JÚLIO SANTANA BRAGA
do CEAQ

Antigamente a Pesca do Xaréu era realizada nos seguintes pontos:

PARATINGAS (Ilha de Itaparica)
CAMARÃO
AREIA PRETA
PACIÊNCIA
A LAGOA (Amaralina)
CHEGA-NEGRO
SARAIVA
SÃO TOMÉ
DIOGO DIAS
FLAMENGO

sendo que os últimos sete estão situados ao longo da costa para o norte. Atualmente a armação do Saraiva, no local hoje denominado Armação, é praticamente a única em funcionamento e por não oferecer mais nenhum lucro, o proprietário da rêde (o Armador) pretende não mais voltar a pescar na próxima safra.

Os africanos, escravos dos proprietários das armações, foram, sem dúvida, os primeiros pescadores de xaréu. Eles transportaram para esta atividade o seu ritmo, as suas cantigas, a fé nas suas divindades, que são capazes de tornar a pesca abundante desde que convenientemente atendidas. E não é raro encontrar um pescador a se lastimar pela falta do peixe na rêde, atribuindo a sua escassez ao descontentamento dos deuses africanos conhecidos na Bahia. Iêmanjá — a Mãe d'Água — segundo as expressões de um pescador, já não mais recebe, como antigamente, as fitas, os pentes, sabonetes e perfumarias baratas na festa do Presente da Mãe d'Água. De qualquer forma, os pescadores têm diminuído consideravelmente o brilhantismo da festa, do *Presente*, e para os velhos pescadores esta é a razão da decadência da pesca.

Em vista do iminente desaparecimento da *puxada da rêde de xaréu*, cuja pescaria já não oferece mais nenhuma margem de lucros,

urge que as autoridades encontrem uma solução para que não se elimine das nossas praias o mais belo cartão-postal da Bahia pitoresca e folclórica.

O artigo aqui publicado é uma parte dos textos resultantes de cuidadosas pesquisas do autor no sentido de melhor interpretar o fenômeno da Pesca do Xaréu. Procuramos, por outro lado, dar uma seqüência aos textos assim como evidenciar os aspectos folclóricos e as relações da pesca com o comportamento religioso dos pescadores.

Muito tem-se escrito a respeito da tradicional pesca do xaréu realizada ao longo das praias da Baía de Todos os Santos. Os trabalhos até aqui publicados se dirigiram, quase sempre, para a análise de certos aspectos que se tornaram bastante conhecidos por quantos pretendam conhecer as manifestações populares existentes em Salvador. Entre elas, acha-se a *puxada da rêde do xaréu*, fase final da pesca que, devido aos seus aspectos evidentemente folclóricos, está incluída no ciclo das festas populares que se realizam na Bahia.

À parte da considerável bibliografia sôbre o folclore da referida pesca, excetuando-se os trabalhos excelentes do Almirante Alves Câmara (1), pouco existe em têrmos de pesquisas mais válidas, do ponto de vista etnológico, que pudéssemos considerar como documentação específica sôbre a pesca nos seus mais variados aspectos. Daí a razão de nos orientarmos pelo livro do Almirante Câmara, *Pesca e Peixes da Bahia* (2), resultado de suas pesquisas realizadas nos princípios dêste século e que nos permitiu uma análise global da pescaria.

Por outro lado, recorremos, sempre que necessário, às fontes folclóricas, extraindo delas aquilo que nos pareceu indispensável, vez que as informações que aí encontramos, reúnem excelente material etnográfico, freqüentemente por nós utilizado. É o caso, por exemplo, do prefácio de Wilson Rocha em *Pesca do Xaréu*, onde o autor chama a atenção para o fato de ser aquela pesca uma das mais emocionantes manifestações folclóricas das existentes na Bahia, e acrescenta: "Entre os muitos aspectos do seu folclore em que a Bahia permanece viva e por vêzes misteriosa, solicitando estudo, pesquisa e interêsse artístico, está um dos episódios mais ricos e emocionantes, talvez o que realiza com mais nitidez a pura beleza da vida do seu povo. Povo marítimo e essencialmente místico. É o ciclo do xaréu. Em determinada época do ano a pesca é realizada na praia em gigantesca rêde de arrasto. Ação conjunta e tradicional dos pescadores negros da Bahia, numa revivescência de ritos africanos, com expressão de dança, mímica, poesia e canto" (3).

O autor sintetiza, no trecho acima, alguns dos aspectos relevantes desta pesca pelo que ela apresenta de mais externo, mais folclórico, portanto, quando da puxada da rêde. Porém, ao lado das manifestações provocadoras da curiosidade de quantos passarem junto à praia,



Foto 1 — Momentos antes da pesca do raréu. Os pescadores preparando o material utilizado na pescaria.

tomados de surpresa pelas expressões de dança, mímica, poesia, e canto, como bem acentuou Wilson Rocha, existem outras manifestações, digamos não-folclóricas, menos episódicas, inerentes à própria estrutura do grupo formado de pescadores como também do tipo de trabalho por eles desempenhado e que, de certa forma, permaneceu inalterado por muitos anos.

Atualmente, devido a vários fatores, poderíamos mesmo fazer referência ao incentivo à pesca, por parte do governo federal, através da SUDEPE, que vem incrementando a sua industrialização em todo o País, já se observa considerável mudança na técnica tradicional utilizada pelos armadores, começando, dêste modo, a atingir as estruturas dos grupos de pescadores, e em consequência, a refletir no seu comportamento psicossocial.

Acreditamos que para a incrementação da indústria pesqueira na Bahia, seria da maior importância que o governo adaptasse certas técnicas tradicionais existentes às novas, o que facilitaria, sem dúvida, a aceitação e assimilação, por parte dos pescadores, das mudanças radicais que por acaso se operassem neste setor da indústria nacional.

Lauro Sampaio, em um trecho que muito se assemelha a uma descrição do Almirante Câmara, mostra a importância da pesca do xaréu, “pelo menos outrora, pela quantidade de peixe pescado; pela mão-de-obra utilizada na realização da pesca”, afirmando, como fez Câmara, que “a pesca do xaréu pode ser considerada, dadas as dimensões das rêdes empregadas, a quantidade e peso do peixe colhido e pessoal, como a maior pesca feita, não só no Brasil, mas também no Atlântico em tôda Costa Oriental da América do Sul” (4). Esta pesca, escreve o Almirante Câmara, “é em geral feita durante o verão, que é boa e apropriada estação se bem que alguns aproveitam os bons dias de inverno. Para principiá-la escolhiam um dia santificado para bem solenizar a estréia anual d’esse grande ramo de negócio”.

Na Carimbamba (armação situada próxima ao Aero-Clube da Bahia) por exemplo, continua o autor, era o dia 8 de setembro, em que se festejava a Natividade de Nossa Senhora, e durava até fins de maio.

“Na véspera preparava-se uma rêde nova na jangada, e quando pronta a largar, reunia-se a escravatura na praia, e um sacerdote, acompanhado de seu acólito sobraçando a imagem do Santo Cristo, procedia a benção da rêde e jangada na qual está arvorada uma bandeira com a figura do Santo Padroeiro da Armação, que é São Francisco.”

“Após essa cerimônia entoava a escravatura ajoelhada na areia a ladainha de Todos os Santos (ou as preces aos orixás africanos) só interrompida e abafada pelo rouco som do mar quebrando na praia, depois do que era impelida ao mar a jangada e armada a rêde”.

“No dia seguinte pela manhã celebrava-se a missa na capela da

Armação, e segundo as circunstâncias puxava-se a rêde ou depois dela, e era dia de festa geral.”

“O pessoal da Armação variava de alimentação e tinha permissão de se divertir até a noite. Assim encetava-se a época de árduos e perigosos serviços dessas importantes fábricas de apanhar peixe” (5).

Importante é, pois, a descrição da pesca do xaréu feita pelo Almirante Alves Câmara, publicada em 1911 do ponto de vista histórico, onde o autor mostra o valor desta pescaria naquela época. Naturalmente, devido à acentuada decadência, já referida pelo autor acima citado, acreditamos ser, ainda hoje, a maior pesca feita no Brasil ou mesmo na América do Sul em que se utilizam técnicas tradicionais de pescaria. Pelo menos, até o momento, não temos notícias da aplicação de técnicas modernas, muito embora algumas transformações sejam evidentes.

Quanto à *Puxada da Rêde* pròpriamente dita, é a que está mais ameaçada de desaparecer, já se encontrando a utilização de grandes sacos, ainda que em caráter experimental, e que prendem os peixes em alto mar, eliminando desta forma, a puxada acompanhada de cânticos, de hinos e cadência, que tanto embelezam as praias da Bahia e que nos fazem muito mais próximos culturalmente da África dos nossos antepassados. É Roger Bastide quem escreve: “Se se quiser descobrir em tôda a sua integridade a civilização do ritmo, é preciso sair da cidade da Bahia, e pelas praias ardentes, por caminhos que se arrastam no meio de uma vegetação rasteira, esmagada contra o solo para escapar aos golpes do vento da amplidão, entre as mamonas, as sedas, os cajueiros, os mandacarús, que sòmente de vez em quando sobrepõem a fuga em direção ao céu dos troncos delgados dos coqueiros, e chegar a uma aldeia de pescadores no momento em que passam, perto das costas, os bandos luzentes de xaréus”. E, apesar da descrição dos caminhos à beira das praias — “por caminhos que se arrastam no meio de uma vegetação rasteira” — não corresponder mais à realidade, pois a Avenida Otávio Mangabeira costeia aquelas praias até Itapoã, continua o Professor Bastide a comentar o comportamento místico dêstes homens fortes feitos de bravura e amor ao mar, que são os pescadores de xaréu: “Vivem geralmente sós em cabanas de coqueiro, de um ou dois quartos, atravessados pelo sol e pelo vento, que terminam em terraços, em pequenos pátios cobertos onde, num fogo de lenha, se cozinham as refeições do dia. Geralmente as mulheres ficam em casa durante tôda a estação da pesca, recebendo dos seus maridos apenas visitas dominicais. Assim a cidade de pescadores reconstitui, em pleno Brasil, a Casa dos homens sós das tribos africanas”. E prossegue aquêle autor a descrever a vida dos pescadores de Amaralina e as suas atividades religiosas quando do início da pesca. Nesta região já não mais existe a armação da Amaralina, a *armação lagoa*, uma das mais antigas de que se tem

notícia, mas que ainda é lembrada pelos velhos pescadores que afirmam ter sido aquela armação uma das mais organizadas, onde muito se pescou o xaréu em época não muito distante. “Os que fui visitar, diz Roger Bastide, vivem assim, no murmúrio do vento e no embalo do oceano, desde outubro até junho, e todo o conjunto de sua vida comum se enquadra num ritmo social. No primeiro dia os pescadores se dirigem piedosamente à Igreja de Sant’Ana do Rio Vermelho, para pedir a proteção da santa. De tarde, na praia noturna, dançam sambas, bebem, conversam e cantam alegremente. Antigamente, e ainda hoje, em certos recantos do litoral, na primeira puxada, um pai ou mãe-de-santo vinha com suas filhas, para cantar e dançar sôbre a praia enluarada, girando na sombra mística e fazendo sortilégios para acalmar a tempestade. Em Amaralina, limitam-se a ter candomblés para rir; ao redor de pequenos tambores sonoros, os pescadores formam uma roda e entoam, para passar o tempo, as toadas de Xangô ou dos caboclos”. E prossegue Bastide. “Mas essa transformação do candomblé em divertimento não impede que a fé continui viva no fundo do coração dos homens de côr; todos os quinze dias, durante a tarde, porque de manhã têm muito que fazer, as jangadas dirigem-se a alto-mar para levar a Iemanjá, a D. Janaína como a chamam, objetos de *toilette*, fitas de tôdas as côres (excetuando-se as negras e vermelhas, que são côres de Exu), humildes presentes comprados nas vendas locais, agradecimentos pela boa pesca, esperança de um amanhã melhor. Iemanjá é uma boa pessoa, não recusa nunca, oculta os presentes e preces recebidas em seus esconderijos. E assim passam os dias, o tempo desliza, com as visitas das mulheres, as horas de ócio nas vendas, breves estadias no Rio Vermelho, a noite roncando em cabanas de palmeiras entrelaçadas, dois ou três indivíduos em cada uma. E como no primeiro dia, o período de pesca termina por uma festa” (6). Nos textos acima citados, Roger Bastide diferentemente do que fez o Almirante Alves Câmara, põe em destaque senão a mística, pelo menos as atividades religiosas paralelamente aos trabalhos da pesca e em função desta, vez que o comportamento religioso surge na medida em que o pescador necessita do amparo, digamos divino, para o bom desempenho de suas tarefas. O armador, que não vive no mesmo contexto cultural dos pescadores, pelo menos se não promove estas festas não as dificulta o que leva os pescadores de xaréu a acreditarem que os seus patrões sempre participam do mesmo sentimento místico e, em se tratando de maior rentabilidade da pesca, o armador é, sem dúvida, o mais interessado.

Antigamente a puxada da rêde se fazia com o auxílio de *bois-de-carga*, agrupados em *juntas*, de dois a dois. Quando a rêde se aproximava da praia os bois eram substituídos pelos pescadores, todos em traje de aninhagem, para o momento final, a *Copiagem*. Uma vez terminada a puxada, vinham todos para a lagoa do xaréu, nas

proximidades do Caxundé (7), para o tratamento dos peixes que ainda não foram vendidos à beira da praia. As velhas tias catavam casca de côco e com ela faziam o fogo para assar o xaréu, que era vendido no Mercado de Santa Bárbara, na Baixa dos Sapateiros, importante rua comercial da Cidade do Salvador. As velhas tias somente vendiam o xaréu assado, em bancas especiais para esse tipo de comércio. E, após às dez horas da manhã, se houvesse ainda muito peixe a ser vendido, aquelas respeitáveis senhoras gritavam quase em uníssono — “virou”. Este aviso significava que o peixe, a partir daquele momento, passaria a ser vendido por um preço inferior ao cobrado antes das dez horas. Vale lembrar que este velho costume ainda é observado em certas regiões da Bahia.

Atualmente, encarrega-se da venda do peixe, o próprio proprietário da rêde, isto é, o armador, o capitalista da pesca, como disse Roger Bastide (8). E, logo após a puxada da rêde, grande é o número de pessoas que se aglomeram ao lado do barracão, na Armação, para comprar ainda na praia, alguns quilos do xaréu há pouco pescado. É improvisado, naquele momento, um pôsto de venda, onde considerável parte do peixe é vendido.

O INÍCIO DA PESCA

Grande parte das solenidades que outrora eram realizadas quando do início da pesca, já não se observa hoje em dia por absoluta falta de conhecimento da maioria dos pescadores. Contou-nos, entretanto, um pescador, ter alcançado uma época em que, ao iniciar-se a pesca, vinha um velho tio, descendente de africanos, à beira da praia, juntamente com os seus sobrinhos e muitas filhas-de-santo (9) e, depois de muito cantar para as divindades africanas (10), colocava em uma das extremidades da rêde, um pedaço de *orobô* (11), para que a pesca fôsse abundante e nada de ruim acontecesse aos pescadores. O primeiro peixe pescado era levado ao velho tio, que o preparava, ficando somente com a cabeça e o restante era distribuído com os seus parentes e acólitos. Muito embora as solenidades estejam bastante reduzidas, os pescadores fazem questão de informar que sempre ao iniciar a pesca faz-se alguma *obrigação* (12), hoje quase limitada ao presente da Mãe-d'água, Janaína, a Rainha do Mar. O pescador Lúcio nos conta que, nos velhos tempos, era muito fácil organizar o “presente” e todos os procuravam, dando-lhe a sua parte na cotização, que se procedia para fazer face às despesas necessárias àquela festa. Com o dinheiro cotizado, mandava-se construir uma barca no “Engenho Velho” (13) com a utilização de um casco de tartaruga, onde se levava de tudo para a *Mãe-d'água*, e com três atabaques (14) fazia-se a festa que se prolongava até altas horas da noite. Segundo um outro informante, nos dias atuais,



Foto 2 — Início da pesca do xaréu. Material sendo lançado ao mar.

a festa maior é realizada após um mês ou dois da pescaria, sendo que no início da puxada faz-se uma pequena obrigação para a Mãe-d'água, a que se denomina "o milho da vovó".

Para se começar o trabalho da pesca, alguns fenômenos da natureza são considerados. Vale lembrar que eles não são observados somente na pesca do xaréu, porém existe alguns que devem ser respeitados em função da respectiva pescaria. É crença entre os pescadores que os melhores dias para a pesca são os de lua cheia. Porém há ocasiões em que nesse período os peixes desaparecem. Neste caso, aguarda-se o quarto minguante. O vento em direção leste é o que mais dificulta. Se houver, por exemplo, vento em direção norte em um determinado dia e no seguinte, vento leste-oeste, provavelmente toda a pescaria será prejudicada. No verão, assim como no inverno, o vento leste "não presta porque suja a água". A pesca do xaréu começa geralmente no mês de setembro de um ano, prolongando-se no máximo até o mês de junho do ano seguinte, desde que haja condições pluviiais satisfatórias. Lembra Salvador Ávila (15) que no mês de março a pesca do xaréu é um dos pontos altos de atração turística local. Algumas armações, seguindo a tradição, escolhem a véspera de um dia santificado para fazer o lance, isto é, armar a rede para que haja coincidência com o dia feriado. Dia 8 de setembro, por exemplo, em que se festeja a Natividade de Nossa Senhora, tem lugar a primeira puxada da rede. Na localidade de Armação, esta primeira puxada é denominada "puxada obrigatória", por ser realizada mesmo que não haja peixe dentro da rede, a fim de se fazer "a limpeza do lance". Há alguns anos atrás, efetuada a primeira puxada de rede, o peixe "matado" era todo distribuído aos pescadores da Armação, sendo um dia mais de festa que de trabalho. Dia de confraternização dos pescadores quando, todos alegres por iniciarem as atividades, dançavam samba, cantavam e bebiam à beira da praia.

A rigor, o trabalho da pesca do xaréu começa com os preparativos iniciais que consistem, sobretudo, em fazer pedras, isto é, providenciar os blocos que serão dispostos no fundo do mar, no local previamente conhecido onde geralmente se realiza a pesca; uma revisão geral da rede é feita no sentido de se emendar alguma malha por acaso rompida, para que o peixe não possa por ela evadir-se na hora do *côpe*. Depois destes trabalhos, segue-se o fundeamento das pedras, dispondo-as em lugares cuja distância de uma para outra é calculada de acordo com o tamanho da rede com que se vai pescar. A maneira de dispor as referidas pedras é feita nos dias atuais seguindo as mesmas normas descritas pelo Almirante Câmara: "Para que se possa armar a rede em frente à Armação, fundeam de distância em distância grandes pedras embotijadas com cordas de piaçaba e prêsas a dois filames também de piaçaba, um dos quais tem

na extremidade a boia de pau de jangada, para marcar a posição prês a *passadeira falsa*, que é um cabo regular, que serve para a jangada; que é destinada para nela ser amarrada a tralha da rêde ou passadeira da rêde, servindo uma das passadeiras citadas de sobresalente à outra no caso de partir-se” (16). Na Armação atualmente os filames e as cordas de piaçaba foram substituídos por cordas e fibras de nilon assim como a bóia antigamente de cortiça, hoje é substituída pela de plástico. O trabalho de fundeamento das pedras é, sem dúvida, um dos mais árduos da pesca do xaréu, pelo tamanho dos blocos a serem transportados para o fundo do mar, e para isso é necessário que se façam três a quatro viagens. A partir dêste momento é que se começa verdadeiramente o trabalho coletivo conjugado ao ritmo, permitindo uma total sincronização de esforços para que se torne mais leve a tarefa de lançar ao mar algumas toneladas de rêde. No momento de ser iniciado o trabalho, o mestre da Armação faz soar o seu apito três vêzes, chamando os pescadores que geralmente já se encontram à beira da praia. Na hora em que o *mestre do mar* se dirige ao mar, já se sabe, disse-nos um informante “que a tripulação deve apanhar o remo e acompanhá-lo para botar a jangada embaixo”. A rêde, por sua vez, encontra-se em cima da *jangada grande* e sob ela três a quatro grandes rolos de madeira por onde deslizará até a beira da praia. Êstes rolos são colocados em perpendicular ao comprimento da jangada e de distância a distância o que ficou atrás com o movimento é colocado em frente a êste, e assim sucessivamente, até que se termine a operação, quando a jangada chega à beira da praia. A operação continua desta feita com a jangada dentro d’água levando a rêde. A descrição do Almirante Câmara, por ser mais precisa e por corresponder exatamente ao que ocorre atualmente, aqui transcrevêmo-la na íntegra: Da praia “sai ela, a jangada, deixando em terra o cabo de piaçaba chamado *puxadeira* e vão aliando-o pela passadeira falsa até a primeira bóia, que é correspondente às *pedras da boca da rêde*, onde se amarra na *puxadeira grossa*.

“Antes porém de amarrá-la largam três panos da *manga da boca*, que é uma parte que fica solta à maré, e que, segundo pensam, engana o peixe, que percorrendo a rêde, aí recua por causa do movimento oscilatório dessa porção da rêde.

“Daí em diante vão amarrando-a até à última bóia, correspondente à *pedra da manêta*, restando ainda parte do *côpe* e a *manguinha*, que ficam dentro da jangada, e não são amarradas mais à *passadeira grossa*, e sim a um cabo mais forte chamado *manêta*.

“Para isso saem dois ou três homens da jangada, nadando com um cabo fino de piaçaba para a terra, e o fazem fixo à tal manêta, o qual alam de bordo, amarram ao *pé de galinha* feito na extremidade da *manguinha*, e de terra, tezam e dão volta em um mourão.

“Encalham a jangada em terra, e procedem logo ou mais tarde à colocação de outra rêde”. Atualmente tôda a rêde é lançada ao mar de uma só vez. Cremos que o volume de rêde lançado ao mar nos dias atuais, seja muito menor do que o volume que se lançava na época em que o autor realizou a sua pesquisa. E finaliza o Almirante Câmara a sua descrição, dizendo: “Os xaréus, andando com a correnteza da maré, que aí é quase paralela à costa, por ser ela na direção E-O, aproximando-se para desovarem, e, encontrando a rêde, param, percorrem-na; ficam reunidos empurrando-a” (17).

A PUXADA DA RÊDE

A puxada da rêde é, como já salientamos, o aspecto mais focalizado nos estudos realizados sôbre a pesca do xaréu. A puxada da rêde, tida como manifestação folclórica em Salvador, tem inspirado pintores, compositores e poetas e fornecido a quem passa no momento em que está sendo realizada, um espetáculo sem dúvida fascinante: um misto de trabalho e festa. Trabalho coletivo dos pescadores, conjugado ao ritmo. Festa colorida e sonora quando se ouvem antigas canções para divindades africanas, especialmente para Iemanjá, Inaê, a Rainha do Mar. O movimento é grande à beira da praia. Todos procuram desempenhar as suas atividades tal como aprenderam e estão acostumados a desempenhá-las.

Selecionamos aqui alguns trechos referentes à puxada da rêde, de autores que, com as suas penas, transportaram para o papel um momento de fantasia cada vez mais raro da nossa vida praieira, fornecendo, por outro lado, informações das quais nos valem para a realização do nosso trabalho. Assim escreve Roger Bastide: “Começa a puxada. Nas praias os atabaques martelam o ar, os cantos se elevam, antigamente cânticos africanos, depois, à medida que as línguas nativas não mais eram compreendidas, cânticos incompreensíveis, mistura de têrmos corrompidos e de português adulterado, hoje quase tudo em português. Os homens de terra puxam a rêde seguindo a cadência dos cânticos e o ritmo das toadas se transformam no próprio ritmo de trabalho:

Dá-me licença aí
Dá-me licença aí
Alô dê Yemanja i
Alô dê Yemanja i

“O chefe dirige a coletividade com seu assobio cercado de fitas com as côres de Nosso Senhor do Bonfim.

Dá-me licença aí
Dá-me licença a a

Dá-me licença aí
E dá-me licença a a
Por Maria Zombi areia
Sereia a-a-aa

“De cada vez, na praia crepitante com os atabaques, que à medida que se dispersam os últimos vestígios do manto da noite vai se tornando mais clara, o solista entôa a toada e o côro de homens de bronze que se balançam no liquido azul, no verde movediço, responde:

Licença — licença
Licença do dono da casa
Tacaqui manda
Manda de muca
Oia ê ê
Oia ê ê
Solista — Tacaqui manda
Oiaá
Côro — Oiaá ê i i
Solista — No balaio da Conga
Côro — Oiaá ê i i
Solista — No balaio da Sinhá
Côro — Oiaá ê i i

“Os negros balançam por um momento seus corpos que seguem a rêde sem sair do lugar, um pé no ar, outro dançando sem levantar do chão, segundo o ritmo dos atabaques (18), depois bruscamente colocam o outro pé, se curvam, e puxam a rêde num grande gesto que segue a ordem dada pela frase musical:

Ogum dê arêrê
ilê ilê
Ogum ja ê
Careadê arêrê
Agecoba Benaô

“Os corpos se levantam para se balançar novamente, para marcar com os pés a dança marítima e depois voltam a puxar a rêde, cada vez mais perto da praia, até que por fim, na glória de sol, já erguido, lançam sôbre a areia úmida, os sobressaltos dos peixes, a agonia animal, o serpentear viscoso das algas.

Ogum dê mareôu
Lá já mareôu

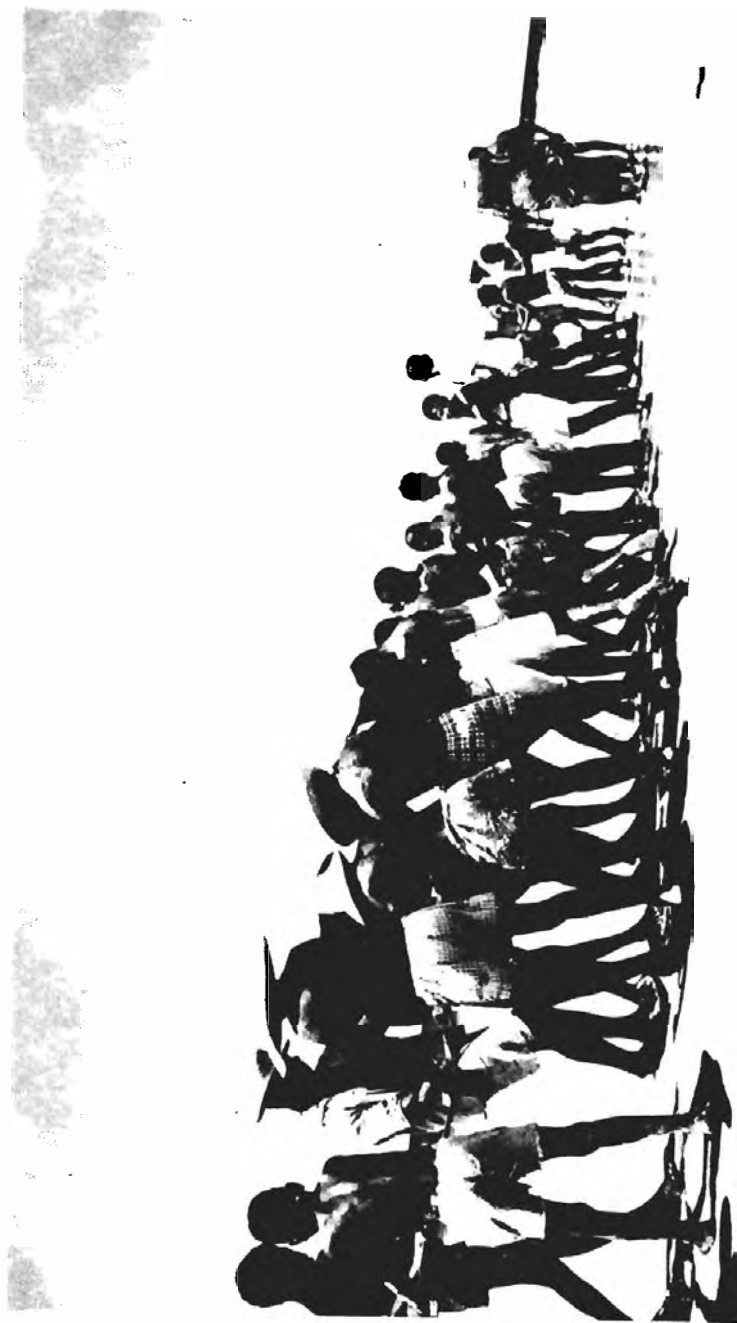


Foto 3 — A puxada da rede. O trabalho conjugado ao ritmo.

Ceroadê mareôu
La já mareôu

“Na pesca do xaréu o trabalho cadenciado pela música conserva até hoje seu caráter de rito, sua forma de cerimonial” (19).

Não menos digno de importância é a descrição de Carybé, poeta da caneta e da tinta. “No dia seguinte não há viva alma nos barcos de palha de coqueiro; todo mundo na praia. Em pequenas jangadas os mergulhadores sondam, calculam quantos peixes caíram no cêrco e o mestre do mar transmite ao de terra, agitando o chapéu e por apitos a quantidade de peixe e a ordem de iniciar.

“A areia é alva, eles escuros. À luz intensa da manhã sobe um cântico:

Quando venho de Aruanda
Eu venho

E centenas de vozes respondem:

Só Só
Eu venho só
Eu deixei lá pai
Eu deixei lá vó

“Os pés se fincam na rêde, ritmando. Quando a sucção aumenta o pêso da rêde cedem um passo e curvam mais os lombos musculosos:

A baleia me pediu
Aderecô Aninha
Pra fazê uma devoção
Aderecô Aninha
Vou pegá na jangadinha
Aderecô Aninha
Vou me embora velejá
Aderecô Aninha
O vento pegou de proa
Aderecô Aninha
Até da volta do má
Aderecô Aninha
Vou me embora que é noite
Aderecô Aninha
Eu não quero navegá
Aderecô Aninha
Fazê dos óios candeia
Aderecô Aninha
Até hora de vortá

“Numa retezada só os músculos parecem querer sair da pele, parecem peixes reluzindo e pouco a pouco a rêde vem a sêco com a carga prateada e vivente que Iemanjá oferece aos pescadores negros, netos dos que vieram de Abeokutá, que ainda cantam seus cantos antigos, que têm o privilégio de vê-la nas noites de lua cheia, zelam seu culto nos singelos pegís de suas casas de palha de coqueiro” (20).

Salvador Ávila, com a preocupação que lhe é própria em desvendar as verdades das coisas da Bahia e com precisão de estudioso sério, assim escreve sôbre a puxada da rêde: “No momento de ser puxada a rêde, o capitão do mar com os mergulhadores navegando em jangadas observam pelo lado de fora a existência ou não de peixes dentro da rêde, o que em caso positivo comunica para o capitão da praia por meio de sinais feitos com um remo, e êste ordena então aos mutucas a puxarem o arrastão, e aí então tem início a parte mais interessante da pescaria, quando é iniciado o canto geralmente tirado do ritual afro-brasileiro. Um dos homens faz o solo e os demais respondem em côro. A finalidade do canto é sincronizar os movimentos, a fim de conjugar os esforços, notando-se então uma perfeita coordenação de movimentos. À proporção que o cabo vai sendo enrolado na praia, a rêde vagarosamente vai se aproximando, sendo acompanhada do mar pelos mergulhadores, que nadando pelo lado de fora, ou nas jangadas, estão atentos ao comando do capitão para no caso de enganchar a rêde êles, mergulhando, livrem as malhas de alguma pedra submersa.

“Por sua vez, continua o autor, o mestre de rêde vai orientando mutucas, para que dêem maior ou menor abertura na rêde, e esta, quando se aproxima da praia, os peixes já completamente cercados procuram fugir ao cêrco, no que são tolhidos pela intervenção dos fisgadores que, munidos de arpões atados a compridas varas, vão fisgando os mais afoitos e os jogando na praia” (21).

Odorico Tavares em um artigo publicado em 18 de outubro de 1947 na revista O Cruzeiro com o título “A Pesca do Xaréu” e reeditado em 1964 no livro *Bahia: Imagem da Terra e do Povo*, de sua autoria, assim se refere à puxada da rêde: “Acabada a contagem dos peixes há o apito característico para que se inicie a puxada da rêde. Então o mestre de terra apita também para reunir o seu pessoal, começar o serviço. Já foram cortadas as cordas que prendiam a rêde aos filames. Tudo está pronto, todos estão a postos. A máxima atenção, a precaução maior domina os homens do mar, prontos para qualquer imprevisto. E a corda ao redor da rêde, que forma quase um círculo gigantesco, começa a ser puxada, de seu lado esquerdo. Os vinte homens de terra iniciam a sua tarefa pesada. Fôrça, poder, vitalidade do corpo humano aí vão apresentar-se com tôda pujança. Mas é preciso salientar que não há preocupação pelo

pêso da tarefa, há alegria do trabalho representado na contribuição mais bela dêsse conjunto de homens fortes e saudáveis. E êles cantam porque o canto ajuda o homem. Não é um canto soturno, um canto de gente desgraçada, como as cantigas dos barqueiros dos rios russos. É um canto alegre de uma grave alegria, canto dos negros baianos, porque há sempre música e canto, tanto nas suas festas como nas suas tarefas. É iniciando a puxada da rêde, batem os atabaques, quarenta pés, num ritmo rigoroso de bailado, movimentam-se e sob o canto obrigatório para começar:

Salve o Senhor
É
Salva, Salva
É Salvador

“É a voz do solista, do tirador de toadas, voz clara e forte que se distingue do rumor das ondas, que ouvimos na praia, nesta cantiga de uma música muito bela, ritmada, como se fôsse parte física e integrante dos músculos dêstes vinte homens, como se fôsse o sangue que lhes dá a força, como se fôsse o elemento de ligação dêstes vinte organismos fazendo dêles um só, nos seus movimentos. Acaba de se levantar a última nota da toada e o côro majestoso responde:

Salve o Senhor
É
Salva, Salva

“E sempre repetido pelo côro, o solista canta:

Salve o Senhor
É
Salve o mar
Salve o mar
Salve o Senhor
É
Salve as águas
Salve o Senhor
Salve Ogum de lê

“Os primeiros metros da corda da rêde vão caindo na praia. Nas suas jangadas, os homens do mar fiscalizam, evitam qualquer imprevisto. O bailado da puxada prossegue sob o bater dos atabaques, sob o canto de vinte homens, trazendo para o seu trabalho mais do que cantigas porventura aliviadoras da tarefa, mas sobretudo os cantos de seus deuses e de seu passado:

Quando venho da Aruanda
Eu venho só
Só Só
Eu venho só
Quando venho da Aruanda
Eu venho só
Eu lá deixei pai
Eu lá deixei vó
Só Só
Eu venho só
Quando venho da Aruanda
Eu venho só
Eu lá deixei tia
Eu lá deixei vó

“E na canção vai todo o ritmo de ida e volta da rêde. Há uma atmosfera de nostalgia criada por esta canção tão bela na sua música, expressando na pobreza de suas palavras a grandeza da solidão.

“E os pescadores prestam homenagem à rainha das águas, não somente nas suas festas, na grande “festa do presente”, também no seu trabalho diário. E a voz do solista levanta-se no meio dos homens da terra:

Viva a Rainha do Mar
Inaê
Princesa de Aioká
Inaê ô
Viva a Rainha do Mar

“E o côro, quebrando com as ondas na praia:

Princesa do mar...
Sinhá...
Inaê

“E talvez na perspectiva de agradar a Janaína, para que seja farta a pesca, vem a sugestão de um presente. Se houver sucesso na pesca que lembrança darão a Iemanjá, que ganhará ela de súditos tão fiéis? É o que pergunta o “tirador”, numa das mais belas toadas dos pescadores baianos:

Que é que me dão
Para levar
A Dona Janaína
No fundo do mar?

“O côro responde:

Um buquê de flor
Para levar
A Dona Janaína
No fundo do mar

“E repete-se a pergunta do solista, para novamente responder o côro:

Um brinco de ouro
Para levar
A Dona Janaína
No fundo do mar

“E se a pesca inicia-se pela madrugada, também o canto é em homenagem de Iemanjá, louvada em vários nomes:

Ô lembá
Lembá de lê
Ô lembá de canaburê
É vem o dia, Iaiá

“Ou também a toada alegre, mostrando o sentimento de solidariedade:

Quem me dá o que comer
Também come
Quem me dá o que beber
Também bebe

“E assim vai indo a rêde, horas inteiras, o sol castigando os dorsos nus. Vez ou outra alguém quebra o ritmo do “ballet”, então vem a manobra protetora. O pescador deixa por segundo a corda, dá uma graciosa volta em torno de si mesmo e retorna ao seu lugar, dentro do movimento comum. Sucedem-se as canções e agora vem a saudável insolência, a insolência das noites alegres das farras ao luar, a branquinha campeando:

Eu nasci de sete meses
Fui criado sem mamar
Mamei leite de cem vacas
Na porteira do curral
Açúcar de dez engenhos
Foi pouco para me criar
Santo Antônio estava deitado
Na porteira do curral

Alevante Santo Antônio
Deixa meu gado passar
Santo Antônio quer beber leite
Por que não vai vaquejar?

E conclui Odorico Tavares: “Já a rêde está perto. Já os homens do mar deixam as suas jangadas, pisam no chão firme, caem na água tendo a cabeça e os ombros de fora, auxiliam agora os da terra. O “cope” que é uma espécie de rêde interna, está repleto de xaréus grandes e pequenos, o mundo de fios, chumbos e cordas é cuidadosamente trazido, e por fim, na areia, revelado o resultado da pesca” (22).

Finalmente transcrevemos a descrição do almirante Alves Câmara, a mais precisa do ponto de vista etnográfico e, substituída a nomenclatura do pessoal da pesca, teremos a melhor e a mais exata referência à puxada da rêde tal como se procede nos dias atuais.

“Pela grande prática que têm, e que realmente causa admiração pela quase certeza dos resultados, calculam à vista a quantidade de peixes pelos centos, e a cada cento fazem um sinal com o chapéu, ou dão uma *chapelada*, como dizem. Tocando, ou excedendo de mil o número, levantam o remo com um pano ou bandeira, no dizer deles.

“Depois do citado exame, continua o autor, principia a operação tendo antes saído outra jangada, . . . até a bóia da boca da rêde, do arrastar a rêde, alando grande número de homens pela puxadeira, que é a última de fora, e acompanha-a até onde o mar principia a arrebentar junto à praia e logo que aí chega, colhem a rêde e a amarram para com o roçar pelo chão não estragar as mangas, que tem muita altura. Isso porém, só se faz até a *chave do cope*, porque daí em diante é que o peixe está junto.

“Divide-se então o pessoal e uma parte vai alar a *maneta* para ir certo o centro à praia, que é *cope*.

“Por seu turno o *vigia*, logo no princípio do arrastar, partindo da *bóia da boca*, vai cortando as *bêtas* da passadeira, que vai ficando teza à proporção que além da terra, a fim de desprendê-la das pedras, ou antes de suas respectivas bóias.

“Esse serviço é feito por um homem, o *cortador*, nadando junto à rêde perto de terra e as jangadas retiram-se por causa do rôlo do mar, que sempre é regular até com bom tempo, e os tripulantes não se podem mandar nelas.

“Na ocasião da rêde chegar à praia, e em posição de descobrir, a rodeiam por fora, e com *bicheiros* vão fisingando e arrancando os peixes, que furam a rêde, ou que estão emalhados, o que nunca se dá com o xaréu a menos que não haja dentro algum peixe, que os ataca, como o *cação* ou *moro*.



Foto 4 — Fase final da puxada da rede. A copeagem.

“Na praia viram a rêde por cima dos peixes, unindo as bóias com chumbadeiras, e assim arrastam para o sêco e o colhem.

“São tiradas as *bicheiras* a mão, e atirados à praia a grande distância d’água; nessa ocasião, apesar de tôda a vigilância do dono e do feitor, há furtos de tôda a espécie, dignos de serem relatados”.

Em seguida o Almirante Câmara relata os furtos que se verificavam no momento final da puxada da rêde, por parte de indivíduos que lá se encontravam sòmente para essa finalidade.

“Com enorme ligeireza cavam a arcia com o pé durante aquêlê apurado e apressado serviço, e enterram o peixe e o cobrem para depois de tudo acabado, virem buscar; outras vezes metem por dentro das calças... ou dentro dô chapéu.

“Já se deram casos de certos peixes, o *agulhão* e outros, ferrarem os dentes no couro cabeludo, e o sangue escorrer sem êles darem demonstração da dor para não ser descoberto o furto” (23). Atualmente êstes furtos não são freqüentes, pois muito grande é a vigilância do armador, que escala alguns pescadores em tôda a dimensão da rêde que se encontra estendida na praia, logo após a copiagem onde restam alguns peixes emalhados e que deverão ser retirados no momento de concluir os últimos trabalhos. Contudo, em que pese a acurada vigilância, tivemos oportunidade de assistir alguns rapazes furtarem alguns quilos de peixes emalhados, em algumas das vêzes que presenciamos a puxada da rêde”.

Selecionamos aqui algumas das mais conhecidas cantigas lembradas pelos pescadores quando de uma puxada de rêde. São cânticos que facilitam a coordenação de esforços dispendidos, cujo ritmo acompanha a maior rapidez que se necessita para uma melhor disposição da rêde, desde o momento em que é lançada ao mar até o momento final da puxada.

Grande parte dêsses cânticos é oriunda do Candomblé Angola a comparar pela freqüência dos têrmos africanos, assim como a designação das divindades lembradas nas estrofes. Entre as divindades sobressai Iemanjá, a Rainha do Mar, cujo primeiro cântico a ela é consagrado:

Viva a Rainha do Mar
Inaê
Princesa do Aiucá
Inaê
Viva a Rainha do Mar
Princesa minha Sinhá
Inaê
Viva a Rainha do Mar
Princesa do alto mar

Outros lembram as obrigações que têm os pescadores para com a Rainha do Mar:

Que é que me dão
Pra levar
A dona Janaina
Lá no fundo do mar
Buquê de flô
Pra levar
A dona Janaina
Lá no fundo do mar

Algumas revivem nos pescadores a sensação de tê-la visto. Muitos, como no caso do velho Lúcio, acreditam ter visto a Sereia; outros mais felizes, afirmam ter conversado com ela por muito tempo.

No mar, no mar, no mar
No mar eu vi cantar
No mar, no mar
Minha sereia
Ela é uma sereiá

Outras fazem alusões às divindades do panteão africano, adoradas nos candomblés de Angola:

Fala memeto canhangô
Caiuza é ganguala
Ô Lembá Oiá
Fala memeto canhangô
Ô que saudade de memeto neste canzuá
Fala memeto canhangô
Ô Lembá dilê
Fala memeto canhangô
Ô que saudade de memeto que me faz sofrer
Fala memeto canhangô
Caiuza é ganguala
Ô Lembá Oiá
Ô que saudade de memeto que me faz chorar

Algumas se referem às origens dos filhos ou netos de africanos que chegaram para o plantio da cana-de-açúcar:

Tindorê
Aiê Caíza
Tindorê meu sangue reá

Eu sou filho, sou neto da ruanda
Tindorerê
Aiê Caíza
Ô Caíza, Ô Caíza
É orixá
Na hora de Deus amém
É orixá

Ogum também ocupa lugar entre os deuses africanos saudados:

Ai Ai Ogum ê
Tata quê malembê
Ai Ogum ê
Tata quê malembê
Ai Ogum ê

E de repente surge Oxossi, o Deus da Caça, sincretizado a São Jorge:

Aiê, aiê tindorerê
Oxossi êle é caçador
Aiê, aiê tindorerê
Oxossi êle é caçador
Uma estréla que nos brilhou
Oxossi êle é caçador

Ai, Ai, já minajô
Calindé Calindeganga
Já minajô quejô

E muitas chamam atenção para as condições atmosféricas, dos perigos das trovoadas, da viração, relacionadas com o trabalho desempenhado pelos pescadores no mar.

Puxa e amarra marinheiro
Puxa e amarra
E olhe o vento
Como entra pela barra
Ô menina

Não vá na praia
Ô menina
Onda te leva

Trovoada ronca no céu
E o relâmpago clareia no mar

Trovoada ronca no céu
Peixe-marinho
Clareia no mar
Yayá
Ô mão, ô mão
Yaô
Gira o sol, clareia a lua
Ô mãe de nosso Senhor
Uma estrêla, uma estrelá
Uma estrêla do oriente
Que nos vem a coroar

Algumas falam dos amores dos pescadores; dos amores ilícitos; da sensualidade das mulheres. Certa vez, assistindo a uma puxada de rêde, visitamos a residência de um pescador, à beira da praia, próxima da Armação. A mulher do pescador, uma senhora de aproximadamente 40 anos de idade, se maldizia da época em que se realiza a puxada, pois que seu marido logo que recebe o seu salário desaparece, e com outras mulheres passa a maior parte do seu tempo livre.

Ave-Maria
Se eu pegá taranhá
Faço mulher sáia
Para comigo gastar
No mar.

Algumas cantigas pertencem ao Candomblé de Caboclo:

Eu sou vaqueiro, eu sou vaqueiro
Senhor
Na minha aldeia
Só me chamam
Boiador.

Certas cantigas lembram embarcações que marcaram assim como nomes de determinados lugares ligados, de alguma forma, à vida marítima.

Adeus meu Rio Verde
Meu Rio Verde de Correntil
Adeus
Meu Rio Verde jogue as correntes n'água
Adeus meu Rio Verde
Adeus
Adeus meu Rio Verde de Tagerá
Adeus meu Rio Verde de Correntil
Meu Rio Verde jogue as correntes n'água

Recolhemos algumas canções que, embora sejam cantadas quando da pesca do xaréu, pertencem ao ciclo da pesca da baleia:

No mar ê iôô
No mar ê iaiá
No mar ê iôô
Jacarecanga chegou
Eu quero que o mar já amanse
Que eu quero matar o peixe
Eu quero deixar o mundo
Antes que o mundo me deixe
No mar ê iôô

No mar . . .

Jacarecanga chegou
Eu vou me embora que é de noite
Mata tenho que passar
Faço dos olhos candeia
Para topada não dá

No mar . . .

A baleia me pediu
Com tôda veneração
Arpoasse na cabeça
Porém nas cadeiras não

No mar . . .

Em uma só canção fazem, os pescadores, um apêlo a tôdas as divindades:

Valei-me Mãe-Senhora
Senhora do Rio-Fundo
Valei-me Mãe-Senhora
Pelo Salvador do mundo
Ô valei-me todos os inquices
Pelo Salvador do mundo
Ô valei-me mamãe Canhongo
Senhora dona do mundo

Ao terminar a puxada da rêde do xaréu, os pescadores enfileirados põem sôbre os ombros a preciosa carga de peixe. E saem da praia ainda com passos cadenciados, cantando uma música em forma de apêlo a fim de se saber quem falta.

Solista — Paulo veio
Não veio não
Porque não veio
Não veio não

Côro — Não veio não...

E assim, sucessivamente, até chamar o nome de todos os pescadores que participaram da pesca. Termina a puxada da rêde. A noite, estarão no seu bairro, Caxundé, hoje descaracterizado pelo afluxo de pessoas estranhas à comunidade de pescadores, a falar da pesca, da baixa rentabilidade e das perspectivas do seu desaparecimento. Enquanto isto, saboreiam alguns tragos de qualquer aguardente-de-cana, ainda que escondidos do Sr. Damião, velho Mestre Geral, de 63 anos, 42 filhos, cuja maneira de viver muito faz lembrar os velhos tios polígamos da África.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS EXPLICATIVAS

- 1 — Ao lado das pesquisas do Almirante Alves Câmara poderíamos citar o excelente artigo de Vicente Antão de Carvalho, *Pesca do Xaréu na Bahia* — sua Tradição Histórica, (mimeogr.) escrito a pedido da Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura. O autor analisa as causas principais do afastamento do xaréu das praias onde é pescado.
- 2 — CÂMARA, Antonio Alves, Almirante. *Pescas e Peixes da Bahia*. Rio de Janeiro, Ed. Leuzinger. p. 38-49.
- 3 — CARIBE, Hector. *As Sete Portas da Bahia*. São Paulo, Martins Ed., 1962. p. 25-26.
- 4 — SAMPAIO, Lauro. *Pesca na Bahia*. Indicador e Guia Prático da Cidade do Salvador, 1.^a ed. Salvador, Tip. Agostinho Barboza, 1928. p. 260.
- 5 — CÂMARA, Antonio Alves, Almirante. Obra citada.
- 6 — BASTIDE, Roger. *Imagens do Nordeste Místico em Preto e Branco*. Rio de Janeiro, Graf. O Cruzeiro, 1945.
- 7 — *Caxundé* — Vila dos pescadores, distante uns 800 metros do local onde se realiza a puxada da rêde, na Armação.
- 8 — BASTIDE, Roger. Obra citada.
- 9 — Indivíduos iniciados nos candomblés da Bahia.
- 10 — As divindades africanas são conhecidas no Brasil pelos termos Orixá, Vodum ou Inquice, a depender das suas origens: Orixá para as divindades Iorubá (Nigéria); Vodum para as do Daomé; Inquice, para as divindades Congo-Angola.
- 11 — Frutas africanas (*Garcinia Gnetoides* (Guttiferae)), utilizada na liturgia afro-brasileira.
- 12 — Obrigação. Ato religioso reclamado por uma divindade. Geralmente, um ato que deve ser cumprido em função do compromisso religioso das "pessoas de santo".
- 13 — *Engenho Velho*, nome de um bairro em Salvador.

- 14 — Atabaque — Instrumento de percussão utilizado nas cerimônias religiosas afro-brasileiras, conhecidas por — *Rum* — O atabaque maior. *Rumpi* — o médio e *Lé* — o menor dos atabaques. (*)
- 15 — ÁVILA, Salvador. A Pesca do Xaréu. *Informações da Semana*. Salvador, 1966. V. 15.
- 16 — CÂMARA, A. A., Almirante. Obra citada.
- 17 — CÂMARA, A. A., Almirante. Obra citada.
- 18 — BASTIDE, Roger. Obra citada.
- 19 — CARIBÉ, Hector. Obra citada.
- 20 — ÁVILA, Salvador. Obra citada.
- 21 — TAVARES, Odorico. *Bahia; imagens da terra e do povo*. 2 ed. Salvador, J. Olympio, 1951. 250 p. revs.
- 22 — CÂMARA, A. A., Almirante. Obra citada.

(*) Roger Bastide é o único a fazer referência quanto à utilização de atabaques durante a puxada da rêde; não acreditamos, contudo, que os atabaques tenham sido, em algum momento, objeto constante de acompanhamento, o que emprestaria ainda mais um sabor africano àquela atividade. Dêste modo, nada impede de acreditarmos na referência de Bastide, uma vez que é possível a utilização esporádica dos atabaques pelos pescadores, em determinada puxada de rêde. Vale lembrar que os referidos instrumentos foram sempre usados quando da puxada inaugural da safra.

NOTES ON THE "XAREU" FISHING: FOLKLORE AND RELIGIOUS PLEDGE

"Xareu" fishing is one of the more colorful popular traditions of Bahia, involving ethnological, sociological and folklore aspects. This paper supports the view that in the roots of this tradition are the slaves who, in the past, were the first owners of the fishing grounds. Even today, songs and usages of African origin are found in the "xareu" fishing, where African gods are frequently called upon.

On the other hand, this paper is a part of the data resulting from careful search for a better interpretation of the "xareu" fishing phenomenon. The information brought together by the Author and presented here is an invaluable contribution to the extensive literature on the subject, specially considering the evidence of the probable disappearance of "xareu" fishing as it is known today in Bahia.

NOTES SUR LA PÊCHE DU "XAREU": FOLCLORE ET IMPLICATIONS RELIGIEUSES

La pêche du "xareu" est une des plus pittoresques traditions populaires de Bahia. Elle implique des éléments ethnographiques, sociologiques et religieux.

L'auteur affirme l'origine africaine de cette pêche. Il prétend aussi que les esclaves africains avaient été les premiers propriétaires de pêcheries. Aujourd'hui encore les invocations des Dieux africains et les chants nègres sont coutumières de la pêche du "xareu".

Comme il faut, malheureusement, craindre une prochaine disparition de la pêche du "xareu" dans la forme traditionnelle, les indications fournies par l'auteur révèlent un intérêt certain.